A MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ADRIANA NERI DE LIMA

RESUMO:

Vivencia-se um momento em que mundialmente se fala na inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais, na rede regular de ensino. A legislação é explícita, quanto à obrigatoriedade em acolher e matricular todos os alunos, independente de suas necessidades ou diferenças. Diante desta obrigatoriedade muitas questões emergem, principalmente com relação de todos os segmentos da comunidade escolar. Entretanto, deve-se pensar que só o acolhimento não seja suficiente, mas que o aluno com necessidades educacionais especiais tenha condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades dentro da Educação Infantil. É necessário que o professor entenda que não basta só cuidar é preciso inclui-las nas atividades do dia a dia e garantir uma aprendizagem efetiva. Para que se reflita sobre a aprendizagem busca-se no presente artigo discutir sobre o processo de inclusão com foco nas aprendizagens. Faz-se aqui além da reflexão questões sobre como incluir as crianças de 0 a 5 anos da Educação Infantil, um breve percurso histórico e a legislação de amparo aos portadores de necessidades especiais. Apresentam-se documentos oficiais sobre a relação entre cuidar e educar e a proposta de educação inclusiva. Sabe-se que educação inclusiva é um dos novos desafios impostos em fase das novas demandas que a escola enfrenta, no contexto de uma sociedade que se democratiza e se transforma. A relações entre pais, responsáveis e todos os escola se encontra, hoje, no centro de atenções da sociedade, a construção da escola inclusiva implica em pensar em seus espaços, tempos, profissionais, recursos pedagógicos, voltados para a possibilidade de acesso, permanência das crianças escola.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Aprendizagem; Currículo.

INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema muito discutido em todas as unidades escolares. Alguns ainda acham difíceis de ser realizada nas condições atuais das escolas. Porém existe uma legislação que garante a inclusão de crianças especiais em todos os níveis de ensino. Quando se pensa no processo de inclusão isso se torna mais difícil. Porém alguns educadores vêm se mostrando mais flexíveis e acolhedores para as crianças com necessidades especiais.

Ao trazer este tema debate tem-se como objetivo de desencadear reflexões sobre a inclusão real e como a aprendizagem ocorre para os alunos com Necessidades Educacionais Especiais que estão nos primeiros anos da Educação. Trata-se também como o currículo pode ser adaptado para estas crianças. Este artigo justifica-se, sobre a importância da educação inclusiva para a formação e desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais.

Pensa-se nas mudanças que ocorreram o educar passa a caminhar com o cuidar percebem-se professores com dificuldades de entender e trabalhar com crianças NEs que hoje a na Educação Infantil. Como incluir e ensiná-las estes são o grande foco deste artigo.

MUDANÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao refletir sobre a política educacional vê- se que ela é somente uma das áreas das políticas sociais construídas segundo o princípio da igualdade de todos perante a lei. Ainda que diferencialmente, abrange igualmente as pessoas de todas as classes sociais é uma área única, porém não se pode esquecer que a política educacional é pilar para princípio da democracia social que é a igualdade de oportunidades, cuja concretização demanda referência a situações específicas e historicamente determinadas. Pensar em uma escola inclusiva é pensar em todo processo educacional.

Dentro da política educacional está inserida a política de inclusão, que abrange a busca fundamental do homem pela liberdade, no plano individual, e pela igualdade de direitos e de oportunidades, no espaço social, fortalece a construção de sua identidade pessoal e social. A importância do acesso à educação não pode ser ignorada ou diminuída, deve ocorrer discussão e entendimento das políticas sociais públicas para as pessoas com necessidades especiais.

Mas do que falar de qualidade do ensino e dos objetivos da escola deve-se pensar no caráter ético-político dessa qualidade, enfatizando a dimensão social desses objetivos. Como incluir a todos os portadores de necessidade especial de forma que garantam além do acesso a aprendizagem.

Deve-se pensar que na escola como formadora das qualidades políticas e sociais

das pessoas com necessidades especiais, percebendo que a transformação social, o saber sobre política e convivência social se dá e se constrói pela própria prática social, visto que a escola não é exclusiva a oferecer esses valores, conhecimentos e desenvolvedora de capacidades e habilidades para se atingir essa democracia e por consequência a qualidade da educação oferecida pela escola e a que é oferecida fora dela. Está neste ponto a importância de todos no processo de inclusão.

A verdadeira inclusão caracteriza-se pela participação ativa dos cidadãos na vida pública da sociedade à qual se está inserido, sendo importante que cada um se considere não apenas como usufruidor dos direitos estabelecidos, mas como criador de novos direitos.

Para isso é preciso que a educação inclusiva se preocupe em dotar, preparar essas capacidades culturais e intelectuais para essa participação ativa, levando a essa compreensão da educação para a democracia, inserindo-o nas diferentes áreas do conhecimento como parte de sua formação intelectual, pois quem não tem acesso a essas diversas expressões da cultura, literaturas, artes em geral, possam e serão considerados marginalizados e excluídos. Também inseri-lo a uma didática dos valores democráticos, que não se aprende de forma intelectual apenas, mas pela consciência ética. Sendo necessário também gerar a educação do comportamento, desde a Educação Infantil, procurando enraizar hábitos de tolerância diante das diversidades, aprendendo a cooperação ativa.

Para o MEC (2006)

A educação inclusiva, é uma construção coletiva, requer mobilização, discussão e ação organizacional de toda a comunidade escolar, contemplando em seu projeto político-pedagógico ações integradas intersetoriais de saúde e seguridade social que atendam às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem de todos. A sala de aula inclusiva propõe um novo arranjo pedagógico composto de diferentes dinâmicas e estratégias de ensino para todos, e complementação, adaptação e suplementação curricular quando necessários. A escola, a sala de aula e as estratégias de ensino devem ser modificadas para que o aluno possa se desenvolver e aprender (MEC, 2006).

Como inserir os portadores de Necessidades Especiais na Educação Infantil?

Esta questão está sendo ser discutida dentro de todas as escolas de Educação Infantil. Uma das possibilidades é criar um currículo que insira todos o tempo todo. Considerando que Educação Infantil é o início das interações das crianças com outros grupos, pensar no acolhimento das crianças com necessidades especiais nesta fase se faz necessário e emergencial.

A resolução n° 04/2009 do CNE a prever o atendimento das especificidades educacionais das crianças com deficiência em seus planejamentos e em seus projetos pedagógicos devem constar atividades próprias de forma a favorecer a interação entre as crianças com e sem deficiência nos diferentes ambientes proporcionando a plena participação de todos.

A escola deve ser o reflexo da vida do lado de fora todos sabem então como fazer com a aprendizagem seja significativa para os portadores de necessidades especiais?

Ao pensar a inclusão percebe-se que o grande ganho, para todos é que, quando se convive com situações de inclusão escolar vivenciam a experiência da diferença. Se não tiver oportunidades de passar por isso por isso na infância, mais tarde aparecerá mais dificuldade de vencer os preconceitos.

Uma escola inclusiva deve ter em seu Projeto Pedagógico a valorização da cultura da paz. As práticas pedagógicas também precisam ser revistas no âmbito da inclusão, que os alunos precisam de liberdade para aprender do seu modo, de acordo com as suas condições. Ter um bom projeto pedagógico, que amplie a discussão sobre inclusão, e entender que inclusão é mais do que ter rampas e banheiros adaptado, as adaptações também têm que ser curriculares, organizar atividades, recursos pedagógicos e de acessibilidade, de forma complementar ou suplementar a inclusão das crianças necessidades especiais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares para a educação inclusiva (1998), o Currículo é construído a partir do projeto pedagógico da escola e deve viabilizar a operacionalização do mesmo, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo as suas finalidades.

Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante (PCNs, 1998, p. 32).

São objetivos principais da educação especial, proporcionar ao portador de deficiência a promoção de suas capacidades, envolvendo o desenvolvimento pleno de sua personalidade, a participação ativa na vida social e no mundo do trabalho, assim como o desenvolvimento biopsicossocial, proporcionando maior autonomia as crianças de 0 a 5 anos, portadora de necessidades especiais.

De acordo com a lei n° 13.005/2014,

A articulação entre as áreas da educação infantil e da educação especial é condição

indispensável para assegurar o atendimento das especificidades das crianças com deficiência nas escolas. (BRASIL.2014)

Esta proposta de inserir a todos com equidade carregam muitas dimensões de inovação, afinal não há, em princípio, respostas prontas para o desafio colocado, trata-se de ação em processo, de exercícios de uma construção de um saber sobre como incluir as crianças e garantir o direito de um ensino de qualidade.

Nesse contexto educativo, na Educação Infantil todas as ações educativas, ou seja, todas as experiências vivenciadas são direcionadas por intermédio das brincadeiras, inserir um cadeirante, um TEA (Transtorno do Espectro Autista), uma síndrome de Down nessas experiências torna-se o grande desafio do professor. Porém se pensarmos toda criança brinca e participa. Como então inclui-las nas brincadeiras? Como proporcionar a todos experiências sobre previstas nas orientações curriculares?

Para que isto ocorra efetivamente o planejamento das atividades devem ser pensadas para que todas as crianças participem. A transformação das salas de aulas em salas de aulas inclusivas inicia-se, portanto, pela garantia de pleno acesso às crianças com necessidades especiais no cotidiano escolar, com a efetivação das medidas necessárias à inclusão real.

ALUNOS COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO

O QUE É AUTISMO?

Desde 2013, quando foi lançado o último Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-5, a classificação do autismo mudou. Antes ele era dividido em cinco categorias, como síndrome de Asperger e outras. Hoje, os diagnósticos se dão através de diferentes graus de funcionalidade. O espectro agrupa desde um quadro mais leve, ou alta funcionalidade, com inteligência acima da média, a casos em que há retarda mental, a baixa funcionalidade (ABRA).

Os critérios de diagnóstico também mudaram. A dificuldade de domínio da linguagem que antes eram uns pontos para o diagnostico hoje não tão valorizado, atualmente, os traços de distinção incluem inabilidade para interagir socialmente e comportamento restritivo e repetitivo, alterações propostas pela DSM-5.

O critério atual se baseia na funcionalidade — a capacidade de realizar atividades simples e desenvolver o intelecto

- Baixa funcionalidade: mal interagem. Em geral, vivem repetindo movimentos e apresentam retardo mental o que exige tratamento pela vida toda.
- Média funcionalidade: são os autistas clássicos. Têm dificuldade de se comunicar, não olham nos olhos dos outros e repetem comportamentos.
- Alta funcionalidade: também chamados de aspies, têm os mesmos prejuízos, mas em grau leve. Conseguem estudar, trabalhar, formar família.
- Síndrome de savant: cerca de 10% pertencem a essa categoria, marcada por déficits psicológicos, só que detentores de uma memória extraordinária.

O AUTISMO E A APRENDIZAGEM

Nos dias de hoje já tem- se conhecimento sobre o trabalho realizado na clínica de estimulação precoce no autismo, onde, por meio de intervenções psicanalíticas com a mãe e a criança, auxilia-se a realização do circuito pulsional entre mãe-bebê, podendo melhorar a qualidade de vida de uma criança com autismo. Após estudos e pesquisa os neurocientistas mostraram que a neuroplasticidade, epigenética e a incidência dos acontecimentos psíquicos precoces sobre os processos maturativos, sabe-se que o desenvolvimento não obedece apenas aos mecanismos biológicos predeterminados. Há uma dupla incidência que considera, por um lado, o ritmo de maturação neurológica marcado pela genética e, por outro, o processo de estruturação do sujeito psíquico que envolve as influências do meio familiar e cultural (Jerusalinsky, 2015).

Visando a evolução do tratamento do autismo, acredita-se que ainda pode haver um debate produtivo entre as áreas de educação e aprendizagem. Busca-se a integração dos conhecimentos para uma maior evolução de saberes, uma vez que o entendimento integrado das questões orgânicas e subjetivas relacionadas ao autismo só tem a contribuir com as práticas pedagógicas e pesquisas relacionadas.

Tendo em vista tais inquietações, questiona-se: como compreender as relações entre os processos de estruturação psíquica e os aspectos de ordem orgânica na etiologia do autismo?

Escolher a educação trabalhar com o autismo aliando as óticas das aprendizagens, pois se entendem que se devem investigar as relações entre os diversos aspectos biopsicossociais dessa patologia enquanto condição de um sujeito único. Assim, os professores, poderão tratar a demanda da criança levando em consideração tanto sua subjetividade quanto as questões fisiológicas, respeitando o tempo de cada um para que haja evolução, mas também a aceitação das possíveis regressões dos casos.

O AUTISMO E A ESCOLA

Muitas vezes a criança chega para uma avaliação encaminhada pela escola.

Quando esta criança se destoa dos demais em suas relações sociais, é muito provável que os professores encaminhem esta criança para uma avaliação psicológica. Assim como a saga dos pais para entender e buscar acolhimento e atendimento. Os encaminhamentos das professoras aparecem devido ao comportamento causado conflitos. Nos encaminhamentos das professoras sempre tem um relato de uma linguagem monótona, repetitiva e de uma pobre narrativa. Ao questionarem a criança as respostas são de natureza com uma lacônica. Exibem também a leitura mecânica, compreensão pobre e um entendimento literal.

Além disso, desorganizam-se com as mudanças na rotina. Preferem ficar isolado e repetidamente com as mesmas atividades. Incomodam-se com barulho dos colegas ou do entorno cobrindo as orelhas. Definitivamente não experimentam alimentos novos na escola, aceitando apenas os rotineiros lanches.

Com todas estas questões os pais vão a buscas e auxílio e respostas para ajudarem seus filhos a adaptarem a escola. E as professoras buscam recursos para incluí-los.

O ACOLHIMENTO DA AUTISTA NA ESCOLA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A APRENDIZAGEM

Ao investigar o histórico e o relato dos e pais e professores muitos psiquiatras e psicólogos dão o diagnostico a criança é autista, ou seja, TEA. Pertencer à expressiva fração de 1% da população que está no espectro do autismo, justificado pelas características clínicas que envolvem déficits nas áreas de comunicação e engajamento social, além dos interesses restritos e comportamentos repetitivos.

O que é descrito são algumas das formas que pais e professores descobrem que a criança tem o Autismo. As particularidades que envolvem cada caso geram um desafio adicional para as escolas, pois muitas vezes os cursos de graduação em pedagogia não lhes dão formação específica para a inclusão.

No entanto é dever de que as escolas estejam preparadas para receber os autistas não é questão de opinião. Desde 2014, com a regulamentação da Lei Berenice Piana (nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012), pessoas com TEA são consideradas com uma deficiência e, portanto, têm direito a inclusão e proteção. Passado este momento vêm as dificuldades e conquistas para que a criança tenha uma boa qualidade de vida.

NOTBOHM (2005) chama a atenção para o auxílio necessário e fundamental nas interações sociais. Estruturar e definir o começo e o fim das atividades pedagógicas pode contribuir para a participação da criança, uma vez que expressões faciais, emoções e linguagem corporal são em sua maioria, mais complicadas para a criança entender.

Ressalta-se que para que esta adaptação e aprendizagem sejam pontuais e eficazes é necessário primeiro conhecer o diagnóstico e segundo realizar adaptações curriculares e parcerias para o desenvolvimento.

Muitas escolas são acolhedoras, mas uma com inclusão de qualidade, projeto pedagógico bem elaborado e profissional bem formado e capacitado ainda é uma busca constante para a gestão e professores.

A escola pode contribuir para um desenvolvimento mais amplo. Apesar das dificuldades iniciais a aprendizagem nos sinaliza que quanto mais estímulos melhor desenvolvimento o autista terá. A chamada neuroplasticidade pode ser definida como a capacidade que o cérebro possui de se reorganizar, de modificar sua estrutura em resposta aos estímulos que recebe do meio ambiente externo.

Esse treinamento possibilita a evolução do potencial neuronal, ou seja, o desempenho dos neurônios responsáveis por atuar em atividades como linguagem, motoras e sociais. Isso que o cérebro humano pode ser considerado altamente plástico. Para quem está no Transtorno do Espectro Autista (TEA) a neuroplasticidade significa a possibilidade desenvolver e aperfeiçoar as habilidades do autista por meio das experiências as quais o autista vai sendo submetido, em amplos sentidos, sobretudo sensoriais: audição, paladar, tato, olfato e visão.

Para ativar o potencial que a neuroplasticidade pode ter sobre a condição de quem está no TEA, é importante empreender ações de aprendizagem que estimulem os neurônios de maneira a contribuir com a melhora nos processos de reabilitação e otimização de resultados funcionais do cérebro de quem está no espectro. Por isso os estímulos precoces são considerados fundamentais para quem é autista. Quanto mais cedo são introduzidas novas práticas pedagógicas e rotinas capazes de estimular o funcionamento do cérebro, mais os neurônios podem ser treinados a superar as limitações decorrentes do distúrbio.

AUTISMO E APRENDIZAGEM

As crianças autistas, muitas vezes, têm dificuldade em aprender de maneira tradicional, como vimos sua plasticidade cerebral não é como de uma criança normal. Seus cérebros simplesmente não processam informações da mesma forma que as outras

crianças fazem. Eles são conectados de maneira diferente e podem precisar de apoio extra em áreas específicas, como:

Compreensão– sentem dificuldades na compreensão, organização e planejamento da linguagem. Pode ser um desafio entender o que está acontecendo em uma história.

Perspectiva– a pessoa com TEA pode ter dificuldade em entender como funcionam os pensamentos e sentimentos dos outros. E não entender a motivação dos personagens nos livros, por exemplo.

Atenção– em alguns momentos, sentem dificuldades em manter o foco e a atenção na história. E às vezes, crianças com autismo podem sentir dificuldade em compreender a história geral.

Existem técnicas de aprendizagem que podem ser realizadas não só com as crianças que tem TEA técnicas específicas que ajudam nesse processo de aprendizagem. Entre elas, está a metodologia fônica, ou seja, primeiro ensina-se os sons de cada letra até chegar à pronúncia da palavra e permite que a pessoa consiga ler. Destacar o som das letras pode tornar o processo de inclusão mais simples e efetivo.

Há muitas habilidades iniciais de inclusão que são essenciais para as crianças desenvolverem a adaptação. Entre elas destacam-se a conversa (habilidade de falar e compreender o que se fala); conhecer uma variedade de palavras; compreender histórias; integrar a inclusão com todos que são responsáveis pela criança.

Para conseguir ler e escrever, a criança com TEA precisa conhecer o maior número de palavras possível para facilitar a aprendizagem. Também necessita compreender histórias, e entender que as letras compõem as palavras e que é lido da esquerda para a direita. Além disso, precisam compreender que as palavras podem ser divididas em sílabas e sons menores e que as letras correspondem a certos sons.

A escola deve promover habilidades de integração e se possível, incluir na rotina algumas atividades que estimulem a adaptação e colha informações sobre a criança e pode ajudar nesse processo.

A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM AUTISMO

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo, de socialização (estabelecer relacionamentos) e de comportamento (responder apropriadamente ao ambiente — segundo as normas que regulam essas respostas). Esta desordem faz parte de um grupo de síndromes denominado transtorno global do desenvolvimento (TGD).

Algumas crianças, apesar de autistas, apresentam inteligência e fala intactas, outras apresentam sérios problemas no desenvolvimento da linguagem. Alguns parecem fechados e distantes, outros presos a rígidos e restritos padrões de comportamento. Os diversos modos de manifestação do autismo também são designados de espectro autista, indicando uma gama de possibilidades dos sintomas do autismo. Atualmente já há a possibilidade de detectar a síndrome antes dos dois anos de idade em muitos casos.

Algumas pessoas acreditam que pessoas autistas vivem em seu mundo próprio, interagindo com o ambiente que criam; isto não é verdade. Se, por exemplo, uma criança autista fica isolada em seu canto observando as outras crianças brincarem, não é porque ela necessariamente está desinteressada nessas brincadeiras ou porque vive em seu mundo. Pode ser que essa criança simplesmente tenha dificuldade de iniciar, manter e terminar adequadamente uma conversa.

É comum também que quando se fala em uma pessoa autista geralmente se pensa em uma pessoa que sabe poucas palavras (ou até mesmo que não sabe alguma). Problemas na inteligência geral ou no desenvolvimento de linguagem, em alguns casos, podem realmente estar presentes, mas como dito acima nem todos são assim.

Às vezes é difícil definir se uma pessoa tem um déficit intelectivo se ela nunca teve oportunidades de interagir com outras pessoas ou com o ambiente. Na verdade, alguns indivíduos com autismo possuem inteligência acima da média. Então é necessário para que estas crianças aprendam.

Ao observar como essas crianças são incluídas ou excluídas das atividades em classe pode-se ver que a inclusão dita não ocorre da forma que se espera. Como incluir crianças as crianças com TEA.

Embora muitas pessoas com autismo partilhem de dificuldades comuns, o seu estado irá afetá-las com intensidades diferentes assim, essas diferenças desde o nascimento e serem obvias para todos, ou podem ser mais sutis e serem percebidas ao longo do desenvolvimento da criança.

Alguns alunos com autismo apresentavam dificuldades em diversos momentos, como coordenação motora e de atenção, hiperatividade, dislexia, e dispraxia e às vezes problemas de saúde física. São comuns os pais se queixarem de distúrbios gastrointestinais. Também são crianças sensíveis a sons altos, muita agitação na sala de aula as deixava irritadas, causando ansiedade.

No contexto escolar percebe-se que as inclusões destes alunos necessitam de um planejamento de práticas pedagógicas dire-

cionadas ao seu desenvolvimento, segundo (BOSA, 2006) diz que essas crianças podem despertar sentimentos de frustações e no professor pelas dificuldades de comunicação, resistência a novidade e desafios. Por exemplo, sem a mediação do professor em situações novas como jogos e brincadeiras podem causar estresse e sobrecarregá-las.

BOSSA (2006) mostra que se o professor não for mediador de novas situações e apresentá-las como clareza a criança com TEA, pode sobrecarregá-la pela saturação das novas informações.

Quando se tem uma criança com TEA na classe o professor deve estar atento a todo movimento, o autista tem dificuldades para aceitar o novo, muitas vezes o professor não está preparado para receber este aluno.

É a partir da presença dessas crianças na escola que esses sistemas educacionais vão se mobilizar para entender em que sentido precisam se aperfeiçoar. (Mantoan).

Nas últimas décadas muitas pesquisas pontuam uma concepção de aprendizagem que é resultado da ação do aprendiz. Dessa forma, a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam a atividade mental, ou seja, o exercício intelectual.

Quando o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para continuar aprendendo ele pode identificar que informação é necessária para que o conhecimento do aluno avance. Essa percepção permite ao professor compreender que a intuição não é mais suficiente para guiar a sua prática e que ele precisa de um conhecimento que é produzido no território da ciência.

É notório que alguns professores sintam perdidos ao tentar comunicar e ensinar o conteúdo a essas crianças.

Pensar num currículo que integre as crianças com TEA numa unidade de educação Infantil comprometida com sua integralidade exige estudo e compreensão da vida dessas crianças, das suas condições de existência e de oferecer uma infância plena escola. As práticas educativas precisam ser integradas e passarem por adaptações.

REPETIÇAO E ANTECIPAÇÃO

Uma boa prática é o trabalho com projetos, pois propiciam um currículo integrador onde as adaptações podem realizadas com as crianças que possuem TEA. Os projetos também favorecem a interação entre os parceiros o que facilitava a construção e transformações de significados no desenvolvimento das crianças.

Quando se trata de crianças com necessidades especiais, as questões relacionadas à interação social se tornam ainda mais importantes, já que, por possuírem algumas limitações, por exemplo, quanto às possibilidades de locomoção e exploração de objetos, são frequentemente consideradas incapazes de participar e contribuir nas atividades em grupo. Traze-la a participação pode ser uma forma de incentivá-las a aprender. As relações entre pares têm destacado o papel da criança na interação social como um elemento importante a ser considerado no processo de construção, desenvolvimento e transformação do indivíduo, da cultura e da sociedade. Sendo assim se pensarmos que mesmo o autista tendo de dificuldades de se relacionar, professores devem procurava inseri-lo aos projetos e ao grupo. Uma das formas de proporcionar esta interação seria trabalhar a repetição e antecipação.

Repetir a comanda sempre olhando para a criança. E repetir novamente quantas vezes for necessário. O uso constante da repetição da instrução, no autismo, torna se necessário devido ao comprometimento da linguagem, que prejudica o entendimento de sequência complexas e da dificuldade para lidar com mudanças. Percebe – se que ao dar as instruções é necessário que sejam comandas curtas, sem excessos de informações irrelevantes as tarefas.

Antecipar as ações também é uma estratégia, mostrar o que irão fazer de forma simples e direta facilita a continuidade da rotina. Quando o professor insere a criança no contexto e prepara atividades que esta irá realizar esta mediando uma aprendizagem que terá sucesso e não causara a frustações quando se negocia com o autista, se antecipa pistas do que a criança irá realizar possibilita a criança compreender que será feito.

Agindo assim percebe-se como é importante a mediação da professora de acordo com Vygotsky (1974/1997), as dificuldades reais das crianças com necessidades especiais não estão diretamente relacionadas a seus problemas orgânicos, mas se devem aos modos de interpretação social desses problemas. Deve-se, então, considerar as oportunidades reduzidas de contato com objetos da sua cultura e de estabelecimento de relações sociais com parceiros como fatores que podem dificultar o desenvolvimento dessas crianças.

Nesse sentido, o favorecimento da interação entre parceiros pode contribuir para os processos de construção e transformação de significados, no desenvolvimento da criança com necessidades especiais.

Experiências como antecipação e repetição podem ser consideradas bem-sucedidas, no sentido em que as crianças frequentam a Educação Infantil e, mesmo com algumas especificidades, demonstram apro-

priação de conhecimentos veiculados à cultura infantil. Para isso percebe-se claramente a relação professor aluno como vínculo para esta aprendizagem

Observa-se que as intervenções pedagógicas desenvolvidas e a observação dos professores podem destacar que as ações planejadas beneficiam o processo de aprendizagem do aluno incluído.

De acordo MANTOAN (1997), a inclusão deve causar uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas beneficia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso no processo educativo.

Acredita-se que por esse motivo, se faz importante destacar a criatividade dos docentes que elaboram atividades de acordo com o material que dispõe, oportunizando condições de aprendizagem, baseadas na realidade existente, proporcionando um desenvolvimento cognitivo positivo às crianças, mas percebe-se que quando todos são acolhidos e realizam a escuta desse segmento as crianças se adaptam mais rápido e também aprendem com maior facilidade.

Acreditamos que a formação e o acolhimento adequado às crianças auxiliam no processo de ensino aprendizagem, pois a partir da compreensão de como se aprende e como podemos ensinar se torna tangíveis as possibilidades de desenvolvimento de atividades que levam em consideração as habilidades de cada criança. Toda criança tem capacidade de aprender. Portanto, acredita-se que a disponibilidade de acolhimento tem sua importância dentro da Educação, pois traz uma nova forma de olhar a criança. É tema a ser discutido e aprofundado pelos professores a fim de que se obtenham maiores conhecimentos sobre a criança que recebe como esta pode desenvolver o biológico, psicológico e emocional, revertendo-se em qualidade de vida e maior clareza sobre o processo de aprendizagem.

A meta primordial da inclusão é a de não deixar ninguém de fora da Educação Infantil. As escolas inclusivas propõem um modo de constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e é estruturado em função dessas necessidades. Assim, a educação inclusiva contribuiria para uma maior igualdade de oportunidades a todos os membros da sociedade, sem necessariamente referir-se somente às pessoas com necessidades especiais.

CONCLUSÃO

Durante toda pesquisa percebe-se que a Educação Infantil é o lugar onde as crianças vivenciam experiências significativas, a beleza das descobertas, das aprendizagens, das interações com o outro e com o mundo, a inserção ao mundo letrado.

Além disso, é o lugar da infância do respeito às multiplicidades e singularidades, e principalmente do respeito e consideração aos contextos sociais, históricos e culturais de cada um, configurando a existências de múltiplas infâncias e de várias formas de ser criança.

Trouxe-se o tema autismo e a contribuição de diversos segmentos como psicopedagogos, famílias como rede de apoio para o desenvolvimento e aprendizagem e no relacionamento e interações das crianças na escola, mostrando que se o professor for mediador das aprendizagens e utilizar estratégias pedagógicas especifica as crianças com TEA também se adaptarão, porém isso se torna mais fácil com a criança inserida e acolhida no contexto escolar.

Para que aprendizagem aconteça é preciso criar mecanismo para utilizar o conhecimento de quem cuida desta criança além do espaço escolar, para isso é preciso ter definidos os objetivos e saber escolher quais são as atividades mais adequadas às necessidades das crianças para que seu desenvolvimento aconteça.

Os professores podem usar os projetos com atividades de interação para auxiliar as crianças em suas descobertas e aprendizagens.

A discussão sobre a inclusão de autistas nos primeiros anos da Educação Infantil ultrapassa o âmbito da educação especial, pois ao pensar uma escola para todos questiona-se a própria constituição das interações nesse espaço e nas relações da sociedade como um todo.

Reforça-se a ideia de que, a inclusão depende da lógica das relações, em que os referentes são múltiplos e simultâneos, ao contrário da lógica de classes em que o referencial para o pertencimento é único e externo. Embora para o conhecimento, diferenças e semelhanças sejam, igualmente, fundamentais, o desafio está em relacioná-las de um modo diverso, reconhecendo as semelhanças sem apagar as diferenças, mas colocando-se em relação a elas, aprendendo com elas. VASQUES (2003).

É preciso oportunizar que todas as crianças participem da experiência que incentivem a inclusão e adaptação e, se preciso for, mudar a rotina, de modo a propiciar a participação e inclusão de todos. Aos professores tem a tarefa de fazer tentativas e gradativamente ir oferecendo experiências que as crianças com autismo gostem possibilitar que as elas possam escolher vivencias encorajadas sempre pelo grupo, que as outras crianças convidem para participar das atividades planejadas pelo professor.

Olhar atento do professor é fundamental no acompanhamento da inclusão para que ocorram interações, mesmo que ainda não interfira, a não ser quando solicitada ou para ampliara e desafiar seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANGELO, C. Autismo é o preço da inteligência, diz descobridor da estrutura do DNA.

Folha de S. Paulo, Ciência, 03/06/2009. Disponível em:< http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2009/06/575851-autismo-e-o-preco-dainteligencia-diz-descobridor-da-estrutura-do-dna.shtml> Acesso em: 25 set. 2022.

BASILIO, A.; MOREIRA, J. Autismo e escola: os desafios e a necessidade da inclusão. 2014. Disponível em:< http://educacaointegral.org.br/noticias/autismo-escola-osdesafios-necessidade-da-inclusao/> Acesso em: 25 set. 2022.

BELISARIO JUNIOR, J.F. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: MEC; Secretaria da Educação Especial; Fortaleza: UFC, 2010.

BOTTGER, A.R.S.; LOURENÇO, A.C.; CAPELLINI, V.L.M.F. O professor da

Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo.

Revista de Educação Especial, v.26, n.46, maio/ago., 2013. Disponível em:< https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5833/pdf> Acesso em:10 abr. 2023.

BRASIL. MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008. Disponível

em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=

16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva05122014&Itemid=30192> Acesso em: 05 abr. 2023.

BRASIL. Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, 2009.

CRUZ, T. Autismo e inclusão: experiências no ensino regular. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

DURANTE, J.C. Autismo: uma questão de identidade ou diferença? Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) Dilemas e desafios na contemporaneidade

Disponível em:<http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/DURANTE_JULIANA_CAU.pdf> Acesso em: 03 abril.2023

GORETTI, Amanda Cabral dos Santos; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de e LEGNANI, Viviane Neves. A relação mãe-bebê na estimulação precoce: um olhar psicanalítico. 2014.

KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev.Bras. Psiquiatria. n.28 (supl.), p.3-11, 2006. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf> Acesso em: 03 abr. 2023.

MANTOAN, M.T. Inclusão social: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MAZZOTTA, M.J.S. Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

NOTBOHM, E. Dez coisas que toda criança com autismo gostaria que você soubesse. 2005. Disponível em:< http://www.ellennotbohm.com/article-translations/dez-coisasque-toda-crianca-com-autismo-gostaria-que-voce-soubesse/> Acesso em: 15 jan. 2021.

ONU (Organização das Nações Unidas). Rejeitar pessoas com autismo é "um desperdício de potencial humano", destacam representantes da ONU. 09/04/2016. Disponível em:< https://nacoesunidas.org/rejeitar-pessoas-com-autismo-e-umdesperdicio-de-potencial-humano-destacam-representantes-da-onu/> Acesso em: 16 abril. 2023.